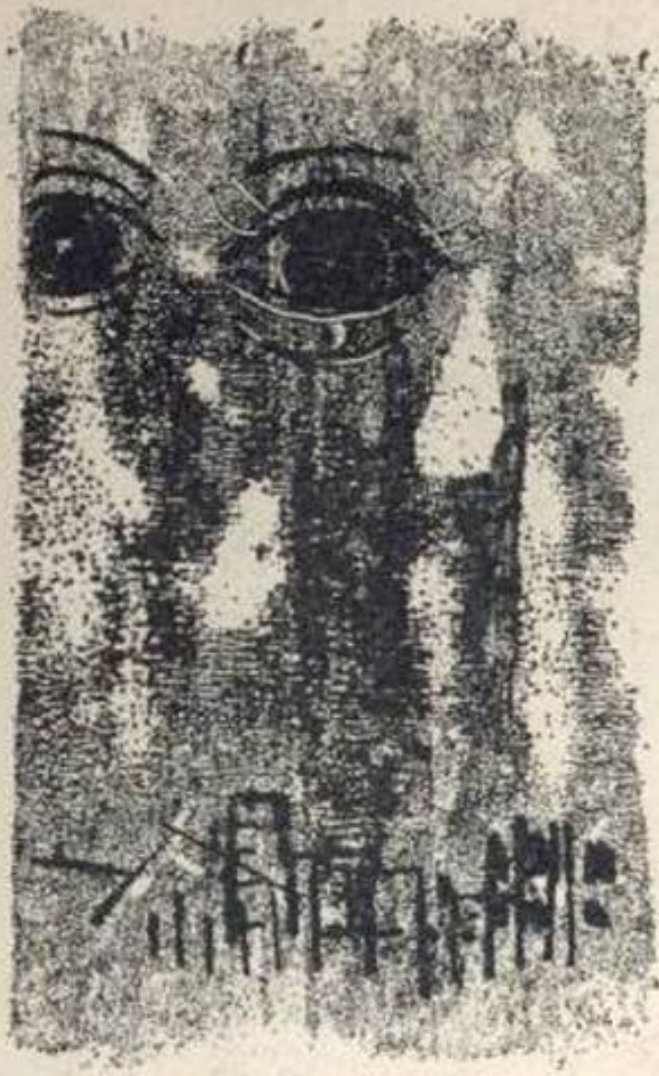


NÉSSIA ORLOVITZ REZNIK



MAMÃE,  
JÁ POSSO  
CHORAR?

FULGOR

Néssia Orlovitz Reznik

Mamãe, já posso chorar?

Tradução de: José Steinberg

Prefácio de: Ben-Tzion Tomer

Traduzido do original em língua hebraica:

אמא, המותר כבר לבכות ?

Publicado em Israel por

MORESHET

Museu Anilevitz

em Memória do Chefe do Levante do Gueto de Varsóvia

e

Sifriat Poalim

Direitos autorais para o Brasil cedidos pela Autora para o

Clube de Cultura Judaico Brasileiro

São Paulo

Ilustrações de Ihezkel Kamhi

Editora Fulgor

São Paulo - Brasil – 1966

Digitalizado por SCS

em Abril de 2013.

## ORELHAS DO LIVRO:

Em 1945 a guerra terminou para a maioria, não para todos. As sementes lançadas pelo nazismo continuavam brotando onde o terreno era mais fértil; o anti-semitismo ainda grassava com violência e nem o conhecimento, em toda a sua extensão, da espantosa tragédia do povo judeu parecia pesar na consciência universal. É nesse quadro aterrador que tentavam sobreviver as crianças judias remanescentes na Europa. Elas começavam a vir, das florestas, dos *bunquers*, dos sótãos e dos porões, dos conventos, carregando um mundo fantástico de recordações, de sofrimentos, de angústias. Vinham quase todas sem lágrimas, almas enxutas, inteiramente esgotadas da capacidade de sofrer. Vinham mergulhar no vazio, buscar uma inscrição num muro ou até mesmo um velho livro outrora enterrado no jardim.

Foram essas crianças que Néssia Orlovitz Reznik e outras educadoras começaram a recolher nos ainda tormentosos anos do pós-guerra, em Vilna, em Sosnovitz, em Ludvicovo, com a importante missão de ensiná-las a chorar, de recuperá-las como seres humanos, de recuperá-las para o seu povo. As visões de pesadelo que ferreteavam suas almas infantis foram sendo substituídas, paulatinamente, por outra visão, uma visão...

Infelizmente, a segunda orelha e a contracapa  
foram perdidas, devido à idade do livro.  
(Nota da Digitalizadora.)

# ÍNDICE

Prefácio .....	5
Vilna .....	9
Brasas .....	12
Partisans .....	14
Promessa .....	17
Dvorá .....	19
Mamãe .....	22
Mina começa a chorar .....	25
Sosnovitz .....	30
No trem .....	34
O palácio da gata borralheira .....	38
Bom apetite, crianças! .....	43
Era por isso que eu não gostava de você .....	48
Presentes .....	52
Uma noite com Ana .....	58
A caminho de Ludvicovo .....	62
Ludvicovo .....	67
Sapatos .....	69
Despedida .....	74
Hanucá .....	78
História seriada .....	83
O segundo Dia da Árvore .....	92
Novamente a caminho .....	98
Repatriados .....	99
Raquel e a Virgem Maria .....	105
Doidos por alguma coisa .....	112
Uma viagem curta .....	118
Histórias de noites sem sono .....	124
Verde e céu .....	135
Benic vai para a Palestina .....	138
A cruz .....	145
A fuga .....	154

## PREFÁCIO

Ao ler o livro de Néssia Orlovitz Reznik — *Mamãe, já posso chorar?* — lembrei-me, sem me aperceber, daquele belíssimo dia jerusalemita em que, andando na rua, encontrei-me de repente defronte a um grupo de amigos. Dirigiam-se eles à «Casa do Povo», onde se realizava então, o processo de Adolph Eicheman. No grupo estava o poeta Aba Kovner, cujo depoimento daquele dia, inspirou à escritora o nome deste livro. Nome infantil na aparência, mas que lança um clarão à terrível escuridão na qual foram emergidas seus pequenos heróis a quem foi negado o último direito reservado a todo ser sofredor — o direito de chorar. No grupo também se encontrava outro poeta, Natan Alterman, autor do verso que serve de moto ao livro da escritora. O grupo de amigos dirigia-se ao local do tribunal, como já foi dito. Como que obrigado, fui com eles caminhando ao encontro do homem que estava na «gaiola de vidro». Tinha eu meus motivos íntimos para a fuga que tentei empreender, a fim de evitar um encontro renovado com aquele mundo que o homem da gaiola representava.

Como dizia, o dia era surpreendentemente belo, de um azul jerusalemita e de um especial dourado, e lá dentro, defronte à «gaiola de vidro» as testemunhas oculares teciam as suas negras histórias. Uma definição mais justa às suas palavras, não encontrei. Ao falar, as testemunhas evitavam de lançar seus olhares no homem da gaiola. É possível que, mesmo agora, perguntava-me eu, estando em Jerusalém, em sua cidade, e transcorridos tantos anos, ainda sentiam eles os temores que este homem lhes lembrava?

No seu depoimento, relatou Aba Kovner da tríplice solidão dos judeus sob o domínio dos nazistas. E estas foram, em resumo, as suas palavras:

«Por ocasião da ação, escondi-me num sótão e espiei através de uma fresta. Na praça circular estavam parados centenas de judeus, que foram caçados a fim de serem enviados ao vale da morte — Ponar. Estavam eles postados em círculo, mas ao redor do seu círculo, havia outro — um cinturão de guardas lituanos e ucranianos, os aliados do pintor amador, o degolador-mor de Berlim, especializado como só um alemão sabe sê-lo; ao redor deste cinturão havia mais um — o dos homens pertencentes ao S.S. E, por detrás dos alemães, havia uma alta muralha de pedras. Três cinturões, três muralhas de isolamento e solidão. Podem, um homem e um povo, dizia o poeta, tentar arrombar uma muralha, duas, mas como é possível romper três?

Era esta uma solidão superior, total, solidão cercada por três muralhas de ódio. Só este tríplice isolamento é capaz de explicar toda a falta de recursos do povo que estava sendo assassinado.»

O livro de Néssia Orlovitz Reznik nos fala de mais uma solidão, desta que era destinada aos meninos judeus na Segunda Guerra Mundial. Toda guerra tem os seus órfãos, porém, a orfandade do menino judeu naquela Europa, não tinha paralelo com a orfandade de outros meninos. É uma norma universal, que toda sociedade — na sua preocupação de continuidade, tente, antes de tudo, proporcionar um paliativo às feridas dos seus órfãos. Porém o menino judeu se tornou órfão não só de pais e

parentes, mas também do seu povo. Ele era, se assim é possível expressar, o último órfão do povo que estava sendo exterminado.

Com uma força vital inexplicável, conseguiam os pequenos heróis da escritora, romper os três círculos do ódio e da solidão, mas com isto não findava a sua luta pela vida, ela apenas se iniciava. Sob determinados aspectos, pode-se dizer que eles eram os artífices da vida (de acordo com as suas específicas condições) pois eles se dedicavam à arte mais importante do século vinte, a arte de sobreviver.

Somente graças à sua pertinaz vontade, não foram seus corpos transformados em cinzas e fumaça, e seus sapatos não eram incorporados àquelas montanhas de sapatos, das fotos conhecidas. Sapatos estes que, até o dia de hoje bradam a sua acusação contra nós, que tão rapidamente os esquecemos, e contra os céus, em cuja direção se elevam numa pirâmide moderna e retorcida. Só que, desta vez as pirâmides não são no estilo de Pitom e Ramsés, mas sim, no de Aushwitz e Maidanek.

Estas pirâmides de sapatinhos são o sinal de Caim que não se apagou da frente da humanidade, que soube ser tão desumana. Elas são ao mesmo tempo, um testemunho e uma advertência, até onde pode chegar a civilização moderna e evoluída se não for erigida sobre uma base de cultura, de humanismo e do «Não Matarás».

Sob este aspecto tudo que aconteceu naquela Europa, ainda não é um capítulo que já pertence às páginas da história. Lembrar o passado — e o que é afinal a cultura senão a lembrança que se estende de geração a geração — o seu significado aqui e agora, nos nossos dias e para o sempre, é uma análise contínua dos freios morais, com os quais será possível evitar o despencar do gênero humano a um novo precipício de bestialidade.

Não nos enganemos: apressamo-nos em esquecer, não só porque estamos ávidos pelos prazeres do momento, do imediato; e também não só devido à sensibilidade de nosso ser que se prosterna ao encontrar-se frente a frente com o sofrimento. Apressamo-nos em esquecer, sim, por causa do sentimento de culpa que nos rói, a nós criados à imagem, do que são capazes de causar os homens aos homens, também criados à esta imagem.

Diante das ações do homem, começamos, aos poucos a duvidar, se realmente fomos criados à imagem.

A praga nazista — e nenhum outro fato histórico pode-se-lhe comparar ou assemelhar — introduziu no nosso ser esta terrível dúvida, que nos corrói ainda agora, anos após o extermínio.

Quem poderá repetir, após a Segunda Guerra Mundial, com aquela segurança o célebre dito de Máximo Gorki:

«O homem — quão orgulhoso isto soa».

O livro de Néssia Orlovitz Reznik, está escrito com muita imparcialidade, com o máximo de moderação e com o mínimo de sentimentalismo. E isto é bom.

Mais que as palavras, falam as subpalavras, os silêncios entre elas, e os silêncios entre as frases. Estes silêncios são o vazio não expresso, do temor que rodeia as vidas dos heróis do livro.

Todo escrito sobre assunto cruel exige do seu escritor muita crueldade em relação ao coração que pulsa em seu ser, ao relatar os atos sangrentos.

A escritora ocultou — de propósito, me parece — a sua personalidade, as suas reações — ela simplesmente pôs à disposição dos seus pequenos heróis, seus olhos maravilhados, seus ouvidos atentos e deixou que seus contos penetrassem nela tais como eles são. Justamente nisto reside a força dos contos e força da escritora.

Como é hábito de determinados leitores, tentei também eu encontrar no livro a definição literária que lhe assente. Antes de mais nada, perguntei-me se lhe assenta o termo de Bela Literatura. De repente percebi um dos paradoxos mais terríveis e espantosos atos, que a ética define como feios, a estética pode chamar de «belos».

Mas, destes mesmos atos, continuando a meditar, estabeleceu-se o paradoxo, quando a lei ética e a lei estética já não se contradiziam. Explicarei o que disse:

Uma das frases mais cruéis no livro é o conjunto das palavras:

«Naquele tempo, quando me mataram...» O menino Efraim não disse: «quando atiraram em mim... ou: quando tentaram me matar...» mas, simplesmente: «me mataram»... A sua vida daqui em diante ele não a vê como continuação da sua vida de antes do «mataram-me», mas como uma vida nova, como uma ressurreição dos mortos real e concreta.

Este poder do menino Efraim, assim como dos outros heróis do livro, de erguer-se após esta matança e, viver, e quem sabe — até mesmo ter fé, e não só em si próprio, mas também na sociedade dos homens em geral esta capacidade, de um menino, de um homem, de erguer-se das cinzas, como aquela ave lendária, o Fênix, esta força de continuar a viver, a criar — e ter fé — é esta a maior das virtudes do homem, e isto pertence explicitamente ao terreno do «Belo». Porque a força deste livro não está só na descrição das cinzas, mas também na descrição do homem que renasce delas.

BEN-TZION TOMER

ADIDO CULTURAL DA EMBAIXADA DE ISRAEL

— Mamãe, já posso chorar? — perguntou a menina, ao sair do esconderijo, após a libertação.

(Aba Kovner)

— Sim, menina, sim mãozinhas magras.

Sim, agora já pode chorar.

Sim, anjo de cílios e cabelos arrancados, agora já pode chorar. Já pode.

(Natan Alterman)

À memória de minha mãe  
e dos pais destas crianças  
que não puderam vê-los regressar  
de lá.



VILNA



*O nosso vagão ficou parado três dias na estação de Moscou. Esperávamos o trem para o Oeste. Na última noite, observei, junto com as crianças, os fogos de artifício que coloriam os céus luminosos de Moscou.*

*A cidade estava em festa. Recebia, entre luzes e cores, o Ano Novo, o ano de 1945.*

*A Casa da Criança Lituana voltava à pátria, à Lituânia libertada. Havia sido fundada em 1942, na aldeia de Cadria, próximo a Tashkent. A grande maioria das crianças era judia. Todos os professores eram judeus. Somente o diretor e a diretora pedagógica eram lituanos.*

*Aos professores judeus fora imposta a proibição rigorosa de falar ídiche com as crianças. Assim, os professores judeus falavam lituano com as crianças, ensinavam-lhes a História da Lituânia e sua literatura. Cumpríamos a ordem. Mas havia inúmeras oportunidades para transgredi-la. Antes de qualquer feriado ou data comemorativa judaica, explicávamos às crianças o seu significado, e a informação corria de boca em boca.*

*De noite, sentado à beira da cama do menino, no escuro, o professor curvava-se sobre ele e ouvia a sua história. E como abriria o pequenino o seu coração, se não na sua língua materna, o ídiche?*

*Clitius, o diretor, era inválido de guerra. Viera diretamente do hospital onde estivera muitos meses. Suas costas estavam dilaceradas. Os melhores médicos de Moscou esforçaram-se em vão para ajudá-lo. Todos nós sabíamos que lhe restavam poucos anos de vida, e ele também conhecia a sua sentença.*

*Clitius ganhou o nosso respeito por causa da dedicação ilimitada que votava às crianças, pelos seus esforços para mitigar os seus sofrimentos.*

*O ambiente estranho, a solidão e a preocupação pelas crianças unia-nos todos.*

*Não havia sapatos nem roupas. Todos os dias, após as aulas, realizava-se a «marcha» à loja, a quilômetros de distância. O professor recebia do lojista as porções de pão, que contava cuidadosamente uma ou duas vezes. Depois, distribuiu-as em fatias às crianças. Voltavam. O pão fresco, quente, excitava a fome. Às vezes, uma mão estendia-se para ele: «Um pedacinho.» O professor fitava o dono dessa mão. Os olhos dos dois se encontravam, a mão recuava, e a saliva era engolida. E você nem queria olhar... Fome de sempre, onipresente, debilitando o corpo e a alma. Foi nessas condições que se fez a escola e se amalgamou a amizade entre as crianças judias e as lituanas.*

*Agora estávamos a caminho. E, aqui, no vagão, abriu-se o abismo.*

*As crianças lituanas voltavam para casa, para a pátria. Tinham à sua espera parentes e amigos. Algumas tinham, até, pai e mãe.*

*Pelas crianças judias, esperavam a destruição e as sepulturas.*

*No vagão apertado, enquanto o trem corria entre árvores de florestas nevadas e por amplos campos, elas olhavam pelas janelas.*

*— Professor, quando é que vamos chegar? — perguntava a criança lituana.*

*— Tomara que a viagem não acabe nunca — rezava o menino judeu.*

*Vilna era o fim da linha. Ficamos num orfanato lituano. Uma casa admiravelmente ampla e arrumada. Esse estabelecimento fora criado durante o regime nazista. O diretor e os seus funcionários eram os mesmos do tempo dos*

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

